

ANÁLISE ABETISMO

FUNCCIONAL



EBOOK

Feito com *trakt*



SUMÁRIO

- 3. O que é o analfabetismo funcional?**
- 4. Escolas ainda formam analfabetos funcionais**
- 5. A Educação brasileira precisa de investimentos**
- 6. Como o analfabetismo afeta a sociedade**
- 7. Como o analfabetismo pode ser evitado?**
- 8. Transição de entrevista: Analfabetismo no Brasil - programa Panorama, TV Cultura.**



Analfabetismo Funcional no Brasil: Uma breve introdução



MEC afirma que seu papel é "de caráter suplementar no apoio aos sistemas de ensino municipais, estaduais e do Distrito Federal".

Os analfabetos funcionais são indivíduos que apesar de saber reconhecer as letras e os números, são inaptos a compreender textos simples e realizar operações matemáticas elaboradas. Segundo a pesquisa feita pelo Instituto Pró-Livro, cerca de 50% das pessoas entrevistadas declararam que não compreendem o conteúdo do livro, por isso não leem livros, mesmo sendo alfabetizados. Neste ebook, abordaremos o papel da sociedade e das escolas e qual a influência no processo de aprendizagem das pessoas que acabam se tornando analfabetos funcionais, já que as mesmas tem o contato com o ensino público brasileiro, mas mesmo assim acabam não conseguindo interpretar e escrever de maneira correta e coesa. Existe sempre um debate de quem seria a culpa do alto índice de analfabetismo funcional no Brasil, mas a realidade é que com o intuito de formar pessoas as políticas públicas acabaram por apoiar a ignorância de uma sociedade abandonada nas décadas passadas e acatou por exemplo a ciclagem de escolas de níveis fundamentais, empobrecendo o conhecimento e retirando o poder das escolas de reprovar um aluno que não continha conhecimento suficiente para aquele período, existindo o termo

"empurrando o aluno de série em série", e quando o mesmo chega ao ensino médio acaba por não concretizá-lo, e nem cogita a possibilidade de uma faculdade, ou pior, acaba entrando em instituições privadas que fazem o mesmo sistema de aprovação do governo e forma professores de português que mal sabem falar corretamente, ou professores de matemática que mal sabem a tabuada.

O que fez com que o Brasil entrasse em um ciclo vicioso de pais que precisam trabalhar em excesso por viverem em um país emergente, que não conseguem acompanhar o estudo dos filhos por não compreenderem ou não terem tempo, em seguida filhos que não tem interesse nos estudos, ou precisam trabalhar desde novos para auxiliar a família e por fim acabam se casando, tendo filhos, ou somente vivendo na sociedade em um trabalho em sua maioria árduo e o arrependimento só virá com o decorrer dos anos.



ESCOLAS BRASILEIRAS AINDA FORMAM ANALFABETOS FUNCIONAIS

Cerca de 29% da população brasileira tem dificuldades para ler textos e aplicar conceitos de matemática; para especialistas, dados refletem a falta de investimentos na educação. No Brasil que nós vivemos a precariedade de ensino é muito grande, poucas políticas públicas que consolide de fato a educação básica do Brasil. Na maioria da sociedade as idades entre 15 a 64 anos e idade por meio de teste que analisa habilidades e práticas de leitura, de escrita e de matemática voltadas ao cotidiano. De acordo com os resultados, a classe de analfabetos funcionais é dividida em dois grupos: os absolutos, 8%, que não conseguem ler palavras ou frases e números telefônicos, por exemplo, e os rudimentares, 21%, que têm dificuldade para identificar ironias e sarcasmos em textos curtos e realizar operações simples, como cálculo de dinheiro.



Durante processo de escolarização de uma pessoa, existe muitos fatores que possa influenciar no aprendizado. Esse processo começa no gestar desse ser humano, um deles pode influenciar posso citar como falta de nutrientes na gravidez e também uso de bebidas alcoólicas e uso de drogas tudo isso contribui para ter dificuldades de aprendizagens. E durante o processo de escolarização a criança vai apresentando essas dificuldades e muitas são superadas através de metodologias adequadas que estimule a criação de redes cerebrais neurais e outros são excluídos por questões sociais, culturais e até mesmo negligenciado pelo próprio sistema educacional excludente e formando adultos analfabeto funcional,

não capaz de interpretar textos simples ou até mesmo ler palavras. É bem visível quando essa criança chega na adolescência desenvolve o sentimento de não pertencimento daquele espaço por não compreender o mundo letrado muitas vezes acaba evadindo da escola e outros, motivados por uma renumeração salarial muito baixa não prioriza sua escolarização. E nesses processos muitos voltam na vida adulta para concluir, pois o mundo fora dos muros escolares exige a obrigatoriedade do diploma da educação básica, para ser inserido no mercado de trabalho. E outros mesmo com dificuldades se culpa por não concluir os estudos mesmo que ainda com defasagem no ensino aprendizagem.

**EDUCAÇÃO BRASILEIRA
PRECISA DE
INVESTIMENTOS**

O analfabetismo funcional é um desafio que depende de políticas públicas e recursos, conta o professor Rezende Pinto. Para ele, as afirmações sobre o Brasil não precisar investir mais em educação são falácias, pois "sempre falam que o porcentual do PIB que o País gasta com a educação é o mesmo dos países ricos. O que não dizem é que o PIB desses países é muito maior do que o nosso e que os nossos desafios educacionais são muito maiores do que os deles". E agora que estamos passados por uma pandemia covid-19 a situação da educação está precária por não ser presencial acaba que não se aprende nada ao certo.

Feito com *trakto*.

Segundo a professora, faltam políticas públicas que capacitem as redes de ensino para recuperar os estudantes que abandonaram os estudos e, consequentemente, o fracasso escolar. "Vai ser preciso um trabalho bastante sério com a alfabetização, a leitura, a escrita e a produção textual a fim de que esses índices sejam revertidos", afirma.

É preciso uma política pública educacional que consolide de fato a garantia e a permanência desse todas as crianças brasileiras e o processo de escolarização aconteça de forma humanizada e significativa para que cidadãos cada vez mais letrado e alfabetizado e muito mais realizados e felizes, com sentimento de pertencimento em qualquer espaço social exercendo sua cidadania.



COMO A EDUCAÇÃO AFETA A SOCIEDADE

Considerando que tais indivíduos têm afinidade somente com o que é simples, podemos observar que esse é um fator restritivo que pode influenciar essas pessoas regredirem na vida. Um exemplo disso foi essa pesquisa feita em uma feira:

"Os preços das ervas, temperos, cebolas e limões na barraca da feirante Honorina Quixabeira da Silva, de 62 anos, são redondinhos: R\$ 1, R\$ 2, R\$ 3, e por aí vai. Nada de centavos. Quanto menos números, melhor. É contando nos dedos que sai o troco do freguês. Só assim ela consegue identificar o que está nas cédulas e fazer a venda correta. "Muitas vezes me atrapalho e tenho de começar a contar de novo", conta ela."

Tal fato pode não parecer ser grave quando vemos pessoas se adaptando ao que lhes é imposto pela vida, mas causa um retardo no desenvolvimento. Pessoas que precisam se manter, mas não conseguem se alinhar ao grande aglomerado de informações e tecnologia do presente.



As consequências do

Analfabetismo Funcional

No dia a dia do indivíduo

A DIFICULDADE EM APLICAR
MATEMÁTICA BÁSICA NO COTIDIANO

+

A DIFICULDADE DE INTERPRETAR
MENSAGENS SIMPLES

+

EXCLUSÃO SOCIAL E FALTA DE
CAPACITAÇÃO PROFISSIONAL

=

PERCA DE ESTIMA E ATRASO NO
COTIDIANO TECNOLÓGICO

Causando atraso no desenvolvimento social e econômico no país,
sendo essa consequência da falta de investimento na educação.

COMO O ANALFABETISMO PODE SER EVITADO

Pode-se concluir que o analfabetismo afeta a vida pessoal, social e financeira diretamente da vida em sociedade, por isso é válido destacar a importância das políticas públicas, palestras, incentivo de marketing, de imprensa, para que os pais cobrem seus filhos e também tentem melhorar seu estudo mesmo na vida adulta, já que é a partir do conhecimento que um cidadão pode formar sua opinião concreta e defender seu preceitos (isso vale para votações, contratos de compra e venda, aprendizado do filho, etc).

Inicialmente é necessário incentivar os hábitos de leitura, já que somente a partir de bons livros e bons escritores é possível destacar bons leitores e intérpretes, pois a interpretação de boa qualidade vem a partir disso. Em seguida deve-se incentivar os debates, pois além de o aluno poder demonstrar o seu entendimento é a partir de debates que eles poderão aprender a se expressar sobre o que foi entendido, a partir desse ponto passarem a melhorar sua fala, pois um bom escritor é um bom falante, e vise e versa. E por fim incentivando a escrita, escrever não é só válido para ter boas notas em vestibulares, mas também para a vida em sociedade, como igrejas, estudantes, no trabalho, em cálculos para construções, vacinações de animais, ou seja, a escrita está presente em qualquer cotidiano e escrever com qualidade influencia na carreira e na autoestima do indivíduo.

Um ótimo incentivo para que os analfabetos funcionais sejam educados é evitar chacotas diretamente ligadas a eles, pois isso acaba envergonhando e desmotivando o indivíduo e o mesmo passa a não querer escrever ou até mesmo falar em público, em seguida passa a desistir e seguir um caminho sem o estudo, que nos dias atuais se tornam cada vez mais impossível.



REALIZADO POR:

Beatriz Carrara Vougado
Estudante de Biomedicina
Campus - Guarantã Do Norte

Luany Vitória Rodrigues de Souza Silva
Estudante de Fisioterapia
Campus - Juara

Marcela Marques Ferreira
Estudante de Direito
Campus - Campo Novo do Parecis

Nayara Medeiros de Oliveira
Estudante de Direito
Campus - Guarantã do Norte

Nayane Karoline de Oliveira
Estudante de Fisioterapia
Campus - Juara

Rayane Santana Roberto
Estudante de Odontologia
Campus - Campo Novo do Parecis

Thiago Ferreira da Silva
Estudante de Direito
Campus - Guarantã do Norte

EDITADO POR:

Inã Palmeira Silva
Estudante de Fisioterapia
Faculdade do Vale do Juruena - AJES

O Analfabetismo no Brasil

Programa Panorama, TV Cultura, 2018.

A entrevista contou com dois participantes muito entendedores do assunto, sendo conduzida pela repórter Andressa Boni:

"Olá, hoje nós vamos apresentar um Panorama sobre o número de analfabetos funcionais no país. Segundo a última pesquisa que mede esse índice, 3 em cada 10 brasileiros estão nessa situação."

Uma matéria jornalística começa a ser transmitida:

"Cerca de um terço dos Jovens e Adultos de 15 a 64 anos no país são considerados analfabetos funcionais. São 38 milhões de brasileiros com muita dificuldade para interpretar um simples texto e fazer as contas básicas do dia a dia. A pesquisa coordenada pela ONG ação educativa e pelo Instituto Paulo Montenegro, mostra ainda que há 8% de analfabetos absolutos: aqueles que não conseguem ler palavras e frases. Outros 21% estão no nível considerado rudimentar: quando se lê e escreve apenas títulos de textos e frases curtas. Em 2009, 27% dos brasileiros eram considerados analfabetos funcionais. O índice se repetiu em 2011 e 2015."

Fim da matéria.

"Hoje a gente recebe a professora Maria Clara Di Pierro da Faculdade educação da Universidade de São Paulo e Roberto Catelli coordenador executivo da ONG ação educativa. E você também pode participar aqui da nossa conversa com as suas perguntas e comentários pelo Facebook e também pelo Twitter, usando a hashtag: #panoramatvcultura."



Jornalista Andressa Boni

"Obrigada pela presença hoje aqui com a gente. Entrou aí com essa nota que usou alguns termos né, analfabetismo funcional... analfabetismo absoluto... Vamos começar então explicando esses termos que devem ser usados ao longo da nossa conversa? quando que uma pessoa é considerada alfabetizada professora?"

"As teorias contemporâneas elas avaliam que não existe uma descontinuidade ou um momento que você possa estabelecer rigidamente. O alfabetismo ele é um contínuo que inicia quando a pessoa aprende o código da lecto escritura, mas ele se estende ao longo da vida. Todos nós estamos no processo de desenvolvimento das nossas habilidades letradas não é? e a escola é a principal agência de letramento da nossa sociedade, e... mas também o que nós fazemos posteriormente no trabalho e na vida social com as aprendizagens que nós adquirimos na escola é que permite a gente ou consolidar ou desenvolver aquelas habilidades. Nesse sentido que a gente diz que o alfabetismo é um processo que se desenvolve ao longo da vida."

"É um aprendizado então... que é contínuo..."

"Contínuo."

"Agora, obviamente, esses conceitos de analfabetismo absoluto... analfabetismo funcional... eles permitem a gente aprender alguns momentos desse processo."

"Roberto..."

"Sim, eu acho que pode se acrescentar a isso o fato de que existe uma medida internacional né tanto que chama de alfabetismo funcional outro se chama de analfabetismo absoluto que são muito, e... vamos dizer assim, limitadas, mas elas tem uma função né, então por exemplo lá o IBGE quando vai fazer uma entrevista do senso, ele pergunta pra uma pessoa se ela é capaz de escrever um bilhete simples, se ela diz que não ela tá na categoria de analfabeto, se ela diz que sim ela entra na categoria dos alfabetizados" (...)¹



Professora, Dr. Maria Clara Di Pierro

"E o analfabetismo funcional ele foi definido internacionalmente via Unesco como aquele sujeito que tem 4 anos ou menos de estudo, mas que a gente sabe que esses dois critérios eles são bastante, vamos dizer assim... isso quer dizer muito pouca coisa na prática, porque o próprio INAF, a gente pode mostrar alguns dados, ele vai mostrar que pessoas que nunca foram a escola, são capazes de ter algum nível de alfabetismo e também pessoas que frequentaram muito a escola muitas vezes apresentam baixo nível de alfabetismo. Quer dizer então, a medida formal ela serve como parâmetro internacional mas ela não é somente a única explicação possível."

"Agora essa última edição, essa última pesquisa né, que mede justamente o analfabetismo que é feita aí pela ONG né, ação educativa da qual você faz parte, ela é feita né a vários anos não é?"

"Desde 2001, tá na nona edição."

"Desde 2001... O que que chama atenção dessa vez? Nessa edição?"

"Bom eu acho que o que mais chama atenção é uma certa permanência desse analfabetismo funcional, a gente tem é... desde 2009 a gente observa uma certa estabilidade é... nesse Alfabetizado funcional, houve uma grande redução dele dos anos 2001 até 2009. A gente houve um momento de redução, redução do analfabetismo absoluto também e de crescimento do nível de (incompreensível) dos brasileiros. Mas de 2009 para cá a gente está observando uma estabilidade muito complicado, que dizer: se espera se tá investindo na educação em certos níveis e que você vai conseguindo avançar, mas o que a gente vê é uma estabilização."

"Quer dizer, são quase 10 anos então é professora, de estagnação, podemos colocar assim, paramos então né, por quê?"



Roberto Catelli - coordenador executivo da ONG ação educativa

"Já vinha antes né, porquê... o nível de alfabetismo pleno... ele nunca avançou. Ele sempre esteve um quarto, um pouco acima de um quarto da população na condição de alfabetismo pleno: as pessoas que são capazes de ler, se comunicar, interpretar, fazer relações com o texto. A... esse, nunca evoluiu muito, ele já era estável. Mas a gente vinha observando uma queda do analfabetismo absoluto e um aumento das pessoas em um nível de alfabetismo... digamos, básico, não é? E isso tinha relação com o fato de que a nossa população tá levando o seu nível de escolaridade e que, os analfabetos absolutos, que em sua maioria são do grupo das pessoas mais idosas, vão saindo do grupo pesquisado porque a pesquisa só compreende a população até 65 anos."

"Agora, o Brasil melhorou na questão de colocar mais gente na escola né, isso... os números mostram. Pra gente ter uma ideia aqui, de 2001 para cá, o número de pessoas entre 15 e 64 anos que chegaram ensino médio aumentou de 24 para 40%. Mas o quanto essa qualidade no ensino acompanhou esse aumento do número de pessoas dentro da sala de aula Roberto?"

"É acho que a questão da qualidade é um dos temas que deve se relacionar com essa questão, né. Evidentemente a gente tem uma expansão enorme nas últimas duas décadas aí. O número de pessoas que entraram na escola, seja no ensino fundamental, seja agora no ensino médio mais recentemente. E a gente evidentemente não consegue dizer que a gente tem uma qualidade equivalente a essa expansão né, então acho que esse é um tema que tá colocado aí pra todos os... todos os... níveis da nossa educação brasileira né. Os resultados do IDEB... agora estão contando isso... enfim, tem vários indicadores dizendo que nós temos problemas nessa, nesse tema."

"Agora... existe uma outra questão que acho que é importante comentar, que a gente tem uma grande inclusão de pessoas na escola, mas também tem uma saída precoce das pessoas da escola. Não é só que as pessoas entram na escola..."

"A evasão é grande também..."



Professora, Dr. Maria Clara Di Pierro

"A evasão também é grande, né. Quer dizer, quando chega no ensino fundamental, a gente começa a ver 12, 13 anos de idade... com percentual elevado de pessoas que deixam a escola e que não vão ensino médio, não conclui ensino médio. Quer dizer, então... não só a gente ainda produz uma inclusão, a gente ainda produz uma evasão muito grande. Então, de um lado, a gente tem uma educação que ainda não se sustenta enquanto manter esse sujeito na escola, e isso tem um peso também nesses resultados."

"É... já é antigo a observação que o fenômeno do analfabetismo no Brasil ele tem duas fontes: aquilo que a gente chama de exclusão da escola, ou seja: aqueles contingentes da população que sequer tiveram acesso à escola, e isso é mais frequente nas gerações anteriores que não viveram a expansão do sistema de ensino das últimas décadas... Mas nós temos um processo de produção do analfabetismo mediado por uma escola. Que é uma escola de baixa qualidade e na qual as pessoas passam um período relativamente curto ou que não chegam a concluir ou a concluem sem ter adquirido as habilidades, as capacidades que se esperaria né. Então um problema que a gente continua tendo é... que a nossa escola ainda não garante um fluxo para todos e uma qualidade para todos."

"E aí a situação... aí por exemplo né: quando a criança ou o adolescente abandona a escola vai a situação vai se agravando ela se torna um adulto nessas condições que nós estamos vendo aqui não é Roberto? Aí fica mais difícil então?"

"Então, e aí eu acho que é bem interessante que uma pessoa pode ter sido alfabetizada um dia e voltar a ser analfabeta no momento mais tarde da sua vida também isso é uma coisa que acontece né."

"E de que forma que isso acontece?"

"Porque... de alguma maneira essa pessoa deixa de usar a leitura e a escrita na sua vida cotidiana e ela vai se tornando menos alfabetizada, o nível de analfabetismo dela pode ser muito pior ao longo da sua vida. E já tem país que volta, que começa a existir uma nova taxa de analfabetismo por conta disso" (...)



Roberto Catelli - coordenador executivo da ONG ação educativa

"E uma coisa que é muito interessante olhar nessa história... por exemplo: a gente faz uma investigação também no INAF, sobre a relação do alfabetismo e trabalho, né. Que esses dados até ainda não tão divulgados desse ano de 2018, a gente vai divulgar em breve... mas em 2015 a gente já fez esse levantamento, e é muito interessante observar que a nossa... qual era a nossa hipótese né? de que os espaços de trabalho também são espaços de letramento. Porque as pessoas desenvolvem tarefas ao longo da sua vida, passam 10 horas por dia trabalhando, elas teoricamente deveriam ganhar também melhor nível de alfabetismo porque elas têm atividades de trabalho."

"Mas a nossa investigação deu um resultado muito inverso. Por quê? Quando a gente pergunta pras pessoas: você usa e-mail no seu trabalho? Você lê no seu trabalho? você tem o hábito de usar computador no seu trabalho? para a maioria dos brasileiros isso não acontece. Os espaços de trabalho no Brasil são espaços muito pouco letrados. Então, a gente tá muito numa cultura oral no Brasil, as pessoas recebem ordens, mas elas não tem acesso à leitura no espaço de trabalho."

"É interessante você trazer isso... que tem muita relação com o que a professora... a forma como a professora abriu o programa aqui hoje, né, quando eu perguntei para da alfabetização que ela disse: é ao longo da vida. Justamente, o que você tá trazendo o exemplo do que não acontece né."

"Isso. Então o que acontece? A pessoa trabalha 10 horas por dia e ela nunca faz uso da leitura e da escrita, das operações matemáticas no seu espaço de trabalho. Isso é deseducativo desse ponto de vista, né."

"Agora professora, nós temos o EJA aqui no nosso país né? que é o sistema justamente de alfabetização para jovens e adultos. O quanto ele é eficiente?"

"Então, a... a problemática do desenvolvimento do alfabetismo ela tem essas duas frentes: (...)"



Roberto Catelli - coordenador executivo da ONG ação educativa

Uma frente que é como você pode abrir oportunidades de educação, de escolarização para os jovens e adultos que não concluíram a sua escolaridade ou não tiveram acesso a ela na infância e na adolescência, ou que não adquiriram as capacidades necessárias para ter um grau de alfabetismo para desempenhar bem as suas funções sociais né. Seja no âmbito da cultura, da família, do trabalho. Então... uma questão é as oportunidades de Educação de Jovens e Adultos."

"Nós temos aí dois problemas: a oferta que nós temos é pequena, muito pequena. Ela nunca alcançou 5% da demanda potencial, quer dizer, se você calcular todos os brasileiros que não concluíram a educação básica, acima de 15 anos né, nem 5% tem acesso a oportunidade de alfabetização ou de Educação Básica na modalidade da educação de jovens e adultos. E a outra..."

"Por que não tem esses espaços é isso?"

"A oferta é muito reduzida, e frequentemente inadequada, porque ela é muito 'parametrada' pela educação escolar de crianças e adolescentes e, portanto, de difícil acesso para o trabalhador. O trabalhador urbano no Brasil, com jornadas tão extensas, com deslocamento de transportes muito longos, com responsabilidades familiares, no trabalho doméstico, no cuidado dos filhos, ele precisaria de uma escola muito mais flexível e com o currículo muito mais adequado às suas necessidades de aprendizagem."

"Agora Roberto, quanto tempo é dito esse diagnóstico né? sabemos aonde estão os problemas e não tem mudança, tá dizendo: é de 10 anos de estagnação nesses números... A professora chama atenção justamente: é preciso mudar a pedagogia para falar pro adulto, é diferente! nós não estamos alfabetizando uma criança, não é? chamando atenção também de que se adulto precisa trabalhar. São vários pontos aí que vocês estão fazendo."



Professora, Dr. Maria Clara Di Pierro

"Bom eu acho que esse é um desafio que não é pequeno, a gente tem abordado isso em vários estudos, em pesquisas, existe algumas experiências concretas que buscam inovação... mas a gente tá muito longe ainda de alcançar, de fato, um processo de Educação de Jovens e Adultos no Brasil que de fato seja convidativo a esse adulto e que seja adequado à vida cotidiana desse sujeito que tem todas as dificuldades que a Maria Clara lembrou aqui."

"Na verdade, uma das coisas que a gente sempre tem dito é que não basta ter uma vaga, não basta ter uma escola, e isso falta! na verdade hoje nós temos até esse problema: faltam vagas, faltam escolas... Existem políticas públicas que as vezes centralizam as escolas em alguns pontos da cidade. Isso... parece racional do ponto de vista administrativo, mas é um caos para o jovem adulto, porque ele quer ir na escola, mas ele trabalha num lugar, mora em outro, e a escola tá num terceiro ponto. Quer dizer, isso já torna inviável a frequência à escola né. Então o que que... uma das questões que eu acho que são fundamentais na minha visão, é uma política pública que de fato olhe para esse sujeito como uma questão social importante no Brasil, não é? Porque: tem dado que é assustador e a gente às vezes não tem consciência que: no censo de 2010 eram 65 milhões de pessoas, com 15 anos ou mais, que não tinham ensino fundamental. Desses 65 milhões, 10 milhões estavam ainda na escola com uma defasagem de idade."

"Então no mínimo 55 milhões de adultos não tem ensino fundamental no Brasil. E a gente trata isso como se fosse um problema dos indivíduos né, como se fosse um problema das pessoas que: 'ah ela não estudou, então ele que se vire agora pra resolver esse problema', quando não, isso é uma questão social muito séria! a gente tem metade da população brasileira adulta numa situação de incapacidade de enfrentar muito dos problemas do seu cotidiano por falta de..."

"Metade..."

"Sim."



Roberto Catelli - coordenador executivo da ONG ação educativa

"Agora, esses índices aí evidenciam a desigualdade enorme em nosso país. Vou trazer alguns outros dados que eu acho que vale a pena destacar aqui: no Nordeste, região com mais caso de analfabetismo. Em Alagoas por exemplo 18% da população é analfabeta e em São Paulo 2,6%... Temos que falar também dessa questão da desigualdade não é professora?"

"Certamente, a... o analfabetismo, a baixa escolaridade, não é um fenômeno... ele tem uma dimensão que é educacional, tá certo, mas ele não é um fenômeno estritamente educacional. Ele é um sintoma Cultural de processos de exclusão social mais amplos. Então, obviamente, nenhum país no mundo conseguiu avançar significativamente no nível educativo da sua população, sem distribuir renda, sem garantir o acesso ao trabalho para todos, sem melhorar as condições de vida."

"Então em parte, os nossos problemas são reflexos da desigualdade estrutural da sociedade brasileira que é preciso reverter. Mas também há essa problemática educacional propriamente dita. Nosso país construiu uma cultura do direito à educação na infância não é? se você pensar dos anos 80 para cá, hoje a sociedade está muito consciente. Então você verá, mesmo uma mãe com pouca escolaridade, com baixa renda, vivendo na periferia das grandes cidades, ela vai demandar educação para os seus filhos de uma forma muito exigente."

"Contudo, nós não construímos uma cultura do direito à educação ao longo da vida e na vida adulta. Nós precisamos mudar, reverter esse quadro, porque essas crianças que estão indo à escola, e esses jovens... eles se socializam nas comunidades, nas famílias, e qualquer professor sabe que quanto mais elevado o nível educacional e cultural da família e da comunidade, mais chances inclusive essas crianças têm de ter êxito escolar e não reproduzir esse ciclo no futuro."

"Agora, Roberto, ainda sobre desigualdade tem a questão também da desigualdade racial né... São 77% dos brancos considerados alfabetizados funcionais e entre os negros o número cai para 65%, entre os pardos para 70%. Nós precisamos lembrar aí que a maioria da população é formada justamente por pardos e negros."



Jornalista Andressa Boni

"Acho essencial essa informação, os dados dobram né, quando a gente vai olhar o percentual de negros que tão como analfabetos funcionais é o dobro do que de brancos praticamente, né. E isso entra nessas questões estruturais que a Maria Clara apontou. Isso é uma história aqui deste país, em que está colocada a menor escolarização, o menor nível de alfabetismo, que tem a ver com o melhor emprego, com a menor renda, e que vai aparecer nesse momento também quando a gente vai trazer esse dado. Então quer dizer... e na escola de Jovens e Adultos também. Quem é o principal público demandante dessa... dessa educação para jovens e adultos? É essa população que historicamente tem sido excluída e que aparece nesses dados de pesquisa. Então acho essencial a gente destacar isso mesmo."

"Vamos fazer uma pauzinha aqui na nossa conversa e a gente volta já."

O programa entra em intervalo e então retorna:

"Já estamos de volta com o Panorama, hoje falando sobre o analfabetismo no país. Com a gente a professora Maria Clara DI Pierro e o coordenador executivo da ONG ação educativa Roberto Catelli. Continue participando da nossa conversa."

"Antes de retomar a nossa conversa eu vou chamar uma reportagem que mostra um exemplo do que muda na vida de uma pessoa quando ela aprende a ler e escrever."

Inicia-se a reportagem:

"A dona Genilda está saindo agora do trabalho. Ela é doméstica em uma casa nessa vila na zona oeste de São Paulo. Nós vamos acompanhá-la pelas ruas, no caminho da escola, para saber o que mudou na rotina dela depois que ela aprendeu a ler e escrever."

Tanto a repórter quanto dona Genilda esperam no ponto de ônibus até que este chega:



Roberto Catelli - coordenador executivo da ONG ação educativa

"Então vamos lá, vamos subir."

...

"Um dos grandes desafios antes para senhora era não conseguir ler o letreiro do ônibus? como é que funcionava?"

"Eu perguntava pra pessoa que ônibus que era aquele e eles mi falava: é o ônibus tal. Aí eu pegava."

A reportagem continua, agora em um supermercado:

"Então, outro desafio do dia a dia para Dona Genilda era vir a um supermercado, ler os rótulos, ver os preços. Mas esse trabalho hoje ficou bem mais simples né?"

"Agora eu já sei ver o preço das coisa: esse aqui tá 2 e 29..."

A reportagem nos leva para o local em que dona Genilda estuda. Na sala estão ela, seus colegas, e a professora, que também participam da entrevista:

"A independência e a confiança foram conquistadas aqui, no projeto de alfabetização para adultos da Paróquia Santa Rosa de Lima na zona oeste de São Paulo. À noite, de segunda a quinta, além do português os alunos estudam matemática, ciências, história e geografia."

"O saber ler e escrever dá a eles uma... sabe uma força maior, uma legitimidade, eles se tornam cidadãos." – diz a Professora Laura Alvarenga, gesticulando.

Uma das colegas de dona Genilda contribui:

"Eu ficava perdida: não sabia o que falar, não sabia o que fazer!"

"E agora, como é que tá?" – pergunta a repórter.

"Agora tá diferente né, agora sei de tudo! Agora ninguém me engana não." – Diz dona Ireni com sorriso no rosto.

Fim da reportagem.



Dona Genilda e a reporter Vanessa Lorenzini

"Um ótimo exemplo, né?! tá aí! É simples né, muito simples de entender quando ela diz: agora ninguém me engana não. Não é professora?"

"É... têm muitas questões que as pessoas buscam nos programas de alfabetização especificamente, como é o caso da reportagem. Elas buscam melhorar a sua autonomia no ambiente urbano, porque o ambiente urbano é todo ele mediado por códigos letrados não é? E ela pode fazer com mais segurança, eles ganham mais segurança. Eles também comentam que ganham na autoestima e na sociabilidade, porque nossa sociedade ela estigmatiza o analfabeto, que é visto como um sujeito desprovido de discernimento ou de autonomia, o que não é verdade, não é?! As pessoas podem exercer plenamente a sua cidadania sendo analfabetas. Mas certamente elas não podem usufruir de muitos bens da nossa cultura e é fundamental que eles tenham acesso a essas oportunidades."

"Cidadania né, como colocou a professora" (da reportagem).

"A Ana pelo Twitter ela diz: 'A educação no Brasil ainda está no modelo do século 19'. o Lázaro Rodrigues ele pergunta: Quais as possíveis soluções apresentadas pelos entrevistados para reduzir esse quadro de analfabetismo? e ainda ele pergunta se é necessário também rever o conceito de analfabetismo pelo IBGE."

"Bom, é... com relação, são 3 questões diferentes né, pra reverter esse quadro que se refere especificamente a esses jovens e adultos que em algum momento foram excluídos do direito à educação, tiveram seu direito à educação restringido. Eu acho que isso é importante de se dizer também, que é: ter o direito a educação ao longo da vida significa isso né. É preciso, de fato, investimento. Existe um problema no Brasil com relação à educação jovens e adultos que é: o menor investimento que existe no país está na educação jovens e adultos, que fica abaixo do 1% do orçamento da despesa de educação. Ainda que existem dados muito precários quanto a isso, mas a gente consegue estimar que sempre ficou abaixo de 1%."



Professora, Dr. Maria Clara Di Pierro

"Por exemplo, a... o financiamento da educação no Brasil atualmente vigente é através do FUNDEB: o Fundo de Desenvolvimento da Educação Básica, e cada modalidade de ensino recebe um fator de ponderação e a educação de jovens e adultos recebe o menor fator de ponderação, e isso desestimula os governantes a não investirem no setor."

"E o que esperar agora com o teto de gastos ainda nessa situação professora?"

"É ainda mais grave. Então, uma das reivindicações nossas é que haja isonomia no investimento da educação básica para crianças, jovens e adultos, modificando-se esse mecanismo do FUNDEB, por exemplo, de maneira a incentivar governadores e prefeitos a investirem mais no setor."

"Eu queria dizer só mais uma coisa: que além do investimento, precisa do investimento qualificado. Não basta só ter dinheiro, precisa ter dinheiro, mas é preciso saber também dizer o que é uma educação de jovens e adultos, como organizar um currículo para educação jovens e adultos, não ser uma mera reprodução de um currículo para jovens e crianças da escola que é o que um pouco acontece hoje, uma espécie de precarização daquele currículo de crianças e jovens. E até porque, como mostrou a reportagem, adultos tem expectativas muito diversas. Tem aquele que quer ir pra universidade, tem essa pessoa que quer poder fazer coisas melhores no cotidiano, tem aquele cara que precisa tirar carteira de motorista para melhorar no meu trabalho e por isso eu quero estudar... Então assim, tem que entender um pouco qual é a expectativa que..."

"Pois é, naquela sena da reportagem, a dona Genilda, por exemplo, precisava ter autonomia pra pegar o ônibus."

"Pois é, mas então precisa entender qual a diversidade de expectativas que tão rodeando esses jovens e adultos, o que eles pretendem com a educação, o que isso melhora na vida deles, pra pensar também uma educação pensada a esse grupo, né."



Professora, Dr. Maria Clara Di Pierro

"E, pra fazer isso, você tem que formar professores. Uma das nossas debilidades..."

"Focados para esse público, né?"

"Para esse público. Porque as nossas diretrizes para formação de professores não asseguraram até o momento uma ênfase disso na formação, nas licenciaturas. Então, eu que trabalho na Universidade de São Paulo, o campus de Ribeirão Preto tem disciplina de Educação de adultos no curso de pedagogia e o Campus de São Paulo não tem como disciplina obrigatória, apenas como optativa. Isso se reproduz em todo o país, então falta formação docente também para ter uma educação de adultos de qualidade."

"O Tailon Platro participando aqui também, ele sempre participa aqui com a gente, ele diz que os políticos em campanhas eleitorais dizem que vão investir em educação, porém percebemos que não... Ele tá colocando aqui, é... não podemos até ser formados para cobrá-los... enfim. Aproveitando esse gancho aí, no eleitoral:"

"Olha eu posso dizer que eu tive a oportunidade agora de visitar os programas dos candidatos à presidência nesse, nessa eleição... e a gente tem uma... baixíssima menção a própria educação e a educação de jovens e adultos. A gente vê menções genéricas ao fato de que se deve reduzir o analfabetismo ou até eliminar, mas sem definir como, nem com que recursos, nem com que estratégia... então eu vejo um pouco mais do mesmo: quer dizer, uma falta de conscientização, uma falta de problematização a um tema tão grave do país."

"Rapidamente professora, que nós vamos já já entregar para os nossos futuros representantes, né?!" – conduz a repórter, fazendo referência ao horário político.

"Então, é... o que eu diria é que nós não cumprimos as metas de educação para todos, nem as metas do último plano nacional de educação. O nosso plano nacional de educação que está em curso tem essas metas também precisamos avançar para alcançá-las."



Professora, Dr. Maria Clara Di Pierro

"Agradeço a participação de vocês aqui, até uma próxima oportunidade."

"Eu que agradeço, obrigada."

"Obrigada."

Se direcionando ao público a reporter se despede:

"Obrigado pela sua companhia e até a próxima."

Fim da entrevista.



Jornalista Andressa Boni



REALIZADO POR:

Inã Palmeira Silva
Estudante de Fisioterapia
Faculdade do Vale do Juruena - AJES

EDITADO POR:

Inã Palmeira Silva
Estudante de Fisioterapia
Faculdade do Vale do Juruena - AJES